

RESGATANDO O CONHECIMENTO POPULAR SOBRE PLANTAS MEDICINAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Katherine Sá Rodrigues;

Willian César de Castro Faria;

Licenciada em continuidade de estudos - UFMG, katherine@c-bio.grad.ufmg.br

Licenciado em continuidade de estudos - UFMG, wccfbio@gmail.com

Anderson Macedo; macedo@nuclear.ufmg.br (orientador)

Introdução

Ao considerarmos a dinâmica da construção do conhecimento descrita por Piaget (1996), onde a assimilação e acomodação de informações para formação de esquemas ocorre desde a primeira infância baseando-se em toda a percepção do mundo em que o indivíduo está inserido, não podemos desconsiderar, no contexto escolar, o conhecimento acumulado pelos estudantes ao longo de suas vidas. Este fator, torna-se ainda mais evidente quando os estudantes são alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma vez que são adultos em formação, com suas peculiaridades e demandas próprias possuem bagagem de conhecimento que não pode ser desprezado, daí, crer-se terem uma maior compreensão da organização social, ao comparar este, com a assim chamada “Educação Tradicional”.

Plantas medicinais, seu cultivo, funções e preparo medicamentoso, estão presentes no dia a dia da maioria dos estudantes da EJA, uma vez que estes possuem idade entre 19 e 76 anos e são, em grande parte, naturais do interior de Minas Gerais. Cada um deles já viveu alguma situação na vida, seja com seus avós, pais ou filhos em que precisaram recorrer aos conhecimentos das plantas, fazendo uso de seus chás, suas misturas, unguentos e raízes. Este conhecimento não é mais transmitido, uma vez que o século XXI trouxe consigo uma dicotomia na oralidade entre estas gerações.

Piaget afirma na obra “Para onde vai a educação?” (1973), que o ensino deve se abrir cada vez mais à interdisciplinaridade e à realidade cotidiana dos estudantes. Para isso, são necessárias práticas pedagógicas que estimulem o espírito de liberdade nos estudantes.

Levando em consideração o contexto da EJA, onde muitas vezes o conhecimento científico é supervalorizado em detrimento do conhecimento tradicional, tivemos como objetivo fazer com que os conhecimentos prévios dos estudantes fossem reconhecidos, não apenas pelos outros mas, principalmente, por eles próprios. É importante que o estudante reconheça a importância do que sabe e a importância da divulgação desses conhecimentos, principalmente entre os mais jovens, que muitas vezes acham que só é conhecimento, aquele encontrado nos livros. O estudante da EJA traz consigo uma grande bagagem de conhecimentos adquiridos ao longo da vida, o que nos leva a outro objetivo: resgatar estes saberes. Infelizmente os jovens muitas vezes não demonstram interesse pela flora nativa do lugar onde vivem. Assim, propor trabalhos em que os estudantes tenham que registrar por escrito seus conhecimentos é uma maneira de preservar, estimular o interesse de outras pessoas e divulgar seus saberes. Para mesclar conhecimento científico e tradicional no trabalho, decidimos, por fim, acrescentar um terceiro objetivo: conhecer a origem das plantas medicinais utilizadas pelos nossos educandos e entender a importância das mesmas nas culturas indígena, africana e brasileira.

Metodologia

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) possui três projetos de EJA: o PROEF-1 (Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos - 1º segmento), o PROEF-2 (Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos - 2º segmento) e o PROEMJA (Projeto de Ensino

Médio de Jovens e Adultos). O primeiro tem lugar na Faculdade de Educação enquanto os dois últimos acontecem no Centro pedagógico (CP/EBAP/UFMG). O presente trabalho foi desenvolvido no PROEF-2, que possui duração de três anos, intitulados “Iniciantes”, “Continuidade” e “Concluintes”.

Inicialmente, os Jovens e Adultos foram levados ao Laboratório de Informática da escola, onde, assistiram ao vídeo “Plantas Medicinais Brasileiras - Um saber ameaçado”, produzido por uma equipe da UFMG, UFSJ, UFVJM, UFJF e UFV. O vídeo aborda a importância do resgate dos saberes sobre a diversidade da flora nativa e como podemos utilizar estas espécies no nosso cotidiano. A partir desse vídeo, os estudantes compartilharam com os colegas suas vivências com as receitas medicinais, indicando sua finalidade, medidas e cuidados a serem tomados.

A segunda aula foi realizada no espaço Jardim Mandala, um grande jardim muito bem cuidado nos fundos da FAE/UFMG. Para essa aula, os estudantes trouxeram várias mudas de plantas medicinais que eles utilizam em casa, garrafas com chás prontos para degustarmos e textos contando sobre as plantas que trouxeram. Esse foi um momento de confraternização, um momento leve com muita troca de saberes. Fizemos uma grande roda e, de um em um, os estudantes compartilharam suas experiências com algumas plantas: hortelã pimenta, boldo do chile, hibisco, alecrim, cavalinha, buchinha paulista, arruda, camomila, amora, babosa, macaé, anis estrelado, espinheira santa dentre outros. Novamente, conversamos sobre a importância da procedência das plantas para fazer o chá, benefícios, dosagem e problemas decorrentes do consumo excessivo. Alguns alunos montaram apostilas com informações sobre as plantas e apresentaram para a turma. O momento foi muito produtivo. No fim, foi entregue a todos, um texto sobre a origem das plantas medicinais encontradas no Mercado Central de Belo Horizonte, espaço comercial, gastronômico e cultural da cidade, onde existem vários “raizeiros”.

Na aula seguinte, uma estudante do curso de Pedagogia da FAE/UFMG, foi convidada, devido aos seus conhecimentos específicos sobre o assunto, para ministrar uma palestra sobre a importância das plantas nas culturas africanas e indígenas. Ela discutiu com os estudantes da EJA a diversidade entre os diferentes grupos, etnobotânica, saberes tradicionais, cultura popular brasileira, algumas lendas dos indígenas e africanos, distribuição dos povos indígenas no Brasil, origem dos africanos (frisando que a África não é um único país onde todos são iguais e mostrando as diferenças entre seus povos), agricultura familiar, economia solidária, monocultura, modelo de produção insustentável, plantas medicinais de origem africana e plantas medicinais de origem indígena. Foi uma aula muito rica e muito importante, pois infelizmente é muito comum em nossa sociedade as pessoas falarem dos africanos como um povo de cultura única, não levando em consideração a diversidade que existe dentro do continente. Com esta aula, os estudantes tiveram a oportunidade de expandir um pouco mais seus horizontes.

Para finalizar o projeto, montamos e fixamos uma horta vertical em um muro da escola. Os estudantes escolheram todo o material que seria utilizado e fizeram toda a montagem da horta. Além de canos PVC e tampões, utilizamos terra, serra, parafusos, furadeira, buchas, brocas, tinta spray, entre outros materiais. Todo o material foi fornecido pela escola e as ferramentas e máquinas utilizadas na confecção da horta foram cedidos pela “Fenda, Oficina de Física”. Um espaço destinado “a construção experimental”. Para a montagem da horta, os estudantes cortaram um cano de 6 metros em 4 pedaços de 1,5 metros cada, pintaram cada pedaço de uma cor com tinta spray e fecharam com os tampões. Além disso, fizeram buracos retangulares onde iríamos colocar a brita e a terra para plantar, prenderam um pedaço de cano ao outro com arame e fixaram a horta no muro da escola. Finalmente, colocaram brita e terra em cada cano, e plantaram mudas e sementes que trouxeram de casa. Para a horta vertical, estudantes escolheram plantas que pudessem ser utilizadas, para que assim seu trabalho fosse

melhor reconhecido por colegas e por eles mesmos. Desta forma, além de algumas das plantas medicinais já citadas, também foram plantadas hortaliças como salsinha, cebolinha, couve, orégano, morango e alface, entre outras. Essa atividade envolveu todos da classe. A maioria dos homens, preferiu realizar o preparo dos canos, enquanto a maioria das mulheres preferiu lidar com a terra e as mudas. Para realizar essa montagem foram necessárias 4 aulas (duas para cada turma). Os estudantes pareceram gostar muito da atividade, colaborando entre si e entre as turmas para que tudo ficasse bem feito.

Foi pedido também, como trabalho final que cada estudante escrevesse sobre alguma planta medicinal e como a mesma fez parte da sua história.

Resultados e discussão

Percebemos uma demanda na educação como um todo da utilização de metodologias diferenciadas pelos educadores. Quando nosso público alvo são os jovens e adultos, essa demanda é ainda mais urgente pois, como já foi dito anteriormente, são trabalhadores, cada um trazendo consigo uma vida para compartilhar. Caso esse educando chegue à escola e encontre apenas aulas tradicionais, cansativas e sem um sentido real e aplicável no cotidiano, a evasão aumenta, fato este presente na nossa escola, preferencialmente na EJA.

Pensando nessa questão, trabalhar com aulas diferenciadas é mais atraente e interessante, tanto para nós educadores, quanto para os educandos.

Assim, trabalhar com plantas medicinais de diversas maneiras: vídeos, palestras, pesquisas, confraternização e montagem da horta foi muito produtivo para todos os envolvidos. A troca de saberes foi bastante expressiva e o processo percorrido desde o início do projeto até seu final foi bastante feliz e prazeroso.

Os estudantes fizeram registros por escrito de como alguma planta medicinal, de sua escolha, fez parte da sua vida, como é feita sua utilização e quais seus benefícios. Esses registros foram digitados por nós, professores e com essas ricas informações montamos um livro que ficará na biblioteca do Centro Pedagógico da UFMG, para consulta por todos que se interessarem. Além do livro, outro produto do trabalho foi a horta vertical, que continua ativa, sendo agora cuidada por estudantes do 1º Ciclo da escola.

Conclusões

A Educação de Jovens e Adultos, em especial, necessita de práticas que atendam às necessidades peculiares de seu público.

Trabalhar no resgate de um conhecimento que se perde facilmente no tempo e ainda por aqueles que mais prezam por ele é um fato inovador, gratificante e produtivo.

Lidar com a terra, com ferramentas e utensílios muitas vezes do cotidiano profissional de muitos educandos é de especial prazer, uma vez que todos estão dispostos a compartilhar e a aprender, não somente com o professor, mas, sobretudo, uns com os outros.

Neste contexto, o professor deixa de ser o detentor do conhecimento, tornando-se parte integrante de sua construção, de modo a tornarem-se todos colaboradores.

O papel do aluno é, de forma altamente saudável “confundido” com o papel do professor.

Palavras-Chave: EJA; Aulas de Ciências; Plantas medicinais

Referências

PIAGET, Jean. Biologia e Conhecimento. 2ª Ed. Vozes : Petrópolis, 1996.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação?. Rio de Janeiro: José Olímpio